

# A ARTE DE DAR VOZ AO OUTRO

## A sua importância democrática ilustrada por um exemplo literário suíço que abalou a imagem da ditadura salazarista

por

Jeroen Dewulf\*

“Pessoas sem história”, foi assim que o historiador norte-americano Eric Wolf chamou àquelas pessoas que ficaram sem voz na história da humanidade. Ora, segundo o crítico literário palestino Edward Said, a origem desta desigualdade está no poder do discurso, pois, durante séculos, quase só se dava ouvidos a uma única voz: uma voz masculina, ocidental, branca, cristã. Com base nesta voz dominante, criou-se uma imagem distorcida do Outro, ou seja, do não-masculino, do não-ocidental, do não-branco, do não-cristão. Desde que foi publicado o seu livro *Orientalismo* (1978) tem-se discutido muito a problemática da representação do Outro. Será que nós temos o direito de falar pelos Outros, sem lhes dar a palavra a eles? Eis uma pergunta que afectou em primeira linha uma ciência que vivia da representação do Outro: a antropologia. O antropólogo norte-americano Clifford Geertz sublinha que representar alguém significa necessariamente exercer poder sobre alguém e pergunta, consequentemente, onde estará então a diferença entre o representar e o manipular. (Geertz 1997: 148) Várias feministas norte-americanas defendem que esta diferença, de facto, não existe e que os pilares de todo o conhecimento ocidental são falsos porque se baseiam em representações elaboradas por aqueles que durante séculos tiveram o monopólio do poder. Para mudar esta situação, propõe pura e simplesmente rejeitar qualquer forma de representação. Muitas feministas defendem, portanto, que falar por outros é arrogante, anti-ético e politicamente incorrecto.<sup>1</sup>

---

\* Universidade do Porto. O autor agradece a CIEG – Programa POCTI pelo apoio à pesquisa.

<sup>1</sup> “As a type of discursive practice, speaking for others has come under increasing criticism, and in some communities it is being rejected. There is a strong, albeit contested, current within feminism which holds that speaking for others is arrogant, vain, unethical, and politically illegitimate.” (Alcoff 1992: 6)

À primeira vista, esta teoria, parece ter a sua lógica. No entanto, ao pensá-la consequentemente até ao fim, chegamos inevitavelmente à conclusão que, então, seria melhor que cada um falasse apenas por si próprio. O que, obviamente, seria o cúmulo do egoísmo cultural, um egoísmo que se situa, aliás, bem perto das teorias mais reaccionárias da extrema-direita. O que parece ser politicamente muito correcto acaba, de facto, por se transformar numa teoria quase idêntica àquela que reinou em Portugal durante a ditadura, a teoria de Portugal como um país onde se estava “orgulhosamente só”. Era esta a base da propaganda salazarista contra outras vozes vindas do estrangeiro. Quando se fala da propaganda durante a ditadura, há um nome que constantemente aparece, o de António Ferro. O seu papel no chamado “Secretariado de Propaganda Nacional” (SPN), mais tarde no “Secretariado Nacional de Informação” (SNI) foi fundamental em relação à imagem de Portugal que se tentava passar no estrangeiro. Para isso, António Ferro usou os seus excelentes contactos com a intelectualidade europeia da época. Convidava, por exemplo, várias vezes o escritor alemão Reinhold Schneider a vir a Portugal. A imagem de Portugal que Schneider apresenta é uma que faz lembrar a canção *Uma Casa Portuguesa*, ou seja, Portugal como país pobre, mas feliz. Aos olhos de Schneider, Portugal aparece como um país bucólico. Ele não vê a falta de liberdade, não vê os presos políticos, não vê a repressão, o que faz é cantar a beleza dos carros de bois, a sabedoria dos camponeses que vivem em harmonia com a natureza ou a simplicidade e honestidade dos pastores e pescadores.<sup>2</sup>

É também esta a imagem de Portugal que António Ferro vai tentar espalhar pelo estrangeiro. Ao mesmo tempo, será a base da organização política do turismo estrangeiro para o qual Portugal lentamente se vai abrir. Para atrair turistas, António Ferro apostou na abertura das chamadas “Casas de Portugal”, as primeiras em Paris e Londres (1931), mais tarde também em Antuérpia (1933) e Nova York (1939). Na sua obra *Portugal: o turismo no século XX* (1988), Paulo Pina sublinha como era grande o receio de que turistas estrangeiros pudessem corromper a juventude portuguesa. Uma das primeiras medidas que o governo tomou em relação ao turismo foi, aliás, o Decreto-Lei regulamentador dos fatos de banho, como se, em Portugal, não houvesse problemas mais urgentes a resolver do que “caçar” raparigas que se atrevessem a usar biquini.

A mesma imagem de Portugal, embora menos “achocolatada”, encontramos no livro *Dialogue Luso-Suisse* (1960) do então embaixador suíço em Lisboa, Béat

---

<sup>2</sup> “Ich gehe auf einem Boden, aus dem mir bei jedem Schritt eine Quelle entgegenspringt. Ich sehe, dass ich vieles nur ahnte, aber keineswegs verstand. Die Güte, der Ernst, die Sicherheit der Menschen, die ich früher nicht in gleichem Masse wahrnahm, beglücken mich. Der hinreissenden Schönheit der Landschaft, – der Mimosenberge des Minho, seiner Wein und Orangengärten, aber auch der Majestät eines Ochsen-gespans und der weisen Geduld der Bauern, Fischer und Hirten, möchte ich gerne Worte leihen, wenn sie mir gegeben werden.” (Schneider, 1956: 7)

de Fischer. De Fischer sublinha que foi, António Ferro, o mais empenhado em ganhar simpatias para com o Estado Novo na Suíça. (Fischer, 1960: 355) Para conseguir tais simpatias, António Ferro recorreu fundamentalmente a amigos de letras e convidou para Portugal o escritor suíço de expressão francesa Louis Gonzague de Reynold. Este vai escrever um livro durante a sua estadia em Portugal, publicado em 1936, intitulado *Portugal*, e que é um verdadeiro elogio ao Estado Novo. Segundo Gonzague de Reynold, com o golpe de estado de 27 de Maio de 1926, Portugal foi “salvo da maçonaria e do comunismo” e representa agora, com Salazar, “a defesa das grandes ideias e dos grandes interesses ocidentais”. Gonzague de Reynold aponta ainda um ponto fraco em relação a Portugal: na sua opinião, o futuro do país está comprometido pelo facto de ter havido “demasiada mistura de sangue português com raças exóticas”. Trata-se de uma ideia muito pouco cristã de alguém que na Suíça é conhecido como um católico convicto, mas mostra bem onde se situavam politicamente muitos desses estrangeiros, apoiantes do Estado Novo português. (Reynold, 1936: 44)

Mais surpreendente ainda foram os excelentes contactos que António Ferro mantinha com a escritora suíça Annemarie Schwarzenbach. Pois mesmo Schwarzenbach, que é conhecida na Suíça como uma grande anti-fascista, que tinha ligações a partidos de esquerda e que era, ainda por cima, uma lésbica assumida, tornou-se numa apoiante entusiasta da causa do Estado Novo. Nos vários artigos que publicou nos anos 40 em jornais suíços sobre a situação em Portugal, negava que Salazar era um ditador, pois na sua opinião, Salazar “representava uma alternativa democrática à ditadura”. Schwarzenbach defende o governo português da época como sendo “um dos mais intelectuais da Europa” e apaixonou-se perdidamente pela mocidade portuguesa, sobretudo no que diz respeito às raparigas de uniforme. (cfr. Vilas-Boas 1998)<sup>3</sup>

Não é de estranhar portanto, que com tanto talento propagandístico, António Ferro conseguiu estabelecer excelentes relações entre a Suíça e Portugal. Sob direcção de Ferro, a Suíça passa a ser considerada um dos países privilegiados para o turismo português. Ferro não queria milhões de turistas, também não queria turistas muito jovens. Como limite estabeleceu o número de 40.000. Estes turistas deveriam vir de “países amigos de Portugal” e ter o menos contacto possível com a população local, ficando, por isso, de preferência em zonas pouco habitadas do interior. Nesta perspectiva enquadra-se a abertura das primeiras Pousadas. Assim, também se percebe por que razão Portugal demorou tanto a ter parques de campismo, já que era um tipo de turismo considerado muito perigoso pelo regime salazarista. Em 1935, António Ferro organiza com grande pompa uma “Quinzena

---

<sup>3</sup> Vilas Boas sublinha, porém, que Schwarzenbach nunca esteve durante suficientemente tempo em Portugal para poder ter uma visão mais realista da situação do país.

Cultural” em Genebra e leva à Suíça a elite cultural portuguesa da época, como, por exemplo, Reynaldo dos Santos, Carlos Botelho, Estrela Tavares, Vasco Barbosa e – “*last but not least*” – Amália Rodrigues. Em 1948, Ferro pode anunciar a abertura de uma linha aérea directa da Swissair entre Zurique, Genebra e Lisboa enquanto em Genebra, em 1951, António Ferro em pessoa abre o “Bureau portugais du tourisme”. A partir de 1956, os suíços deixam também de precisar de um visto para poderem entrar em território português. Com estas e outras medidas, Ferro consegue trazer anualmente por volta de 4.500 turistas suíços a Portugal, ou seja, mais do que um décimo do número total de turistas previstos. Quando, em 1950, António Ferro deixa o SNI, muda-se, não por acaso, para a embaixada portuguesa em Berna, onde vai trabalhar durante quatro anos.

Só perante esta panorâmica podemos compreender o impacto que teve o escândalo causado pelo escritor suíço Hugo Loetscher. Este recebeu em 1963 o prémio *Prix Veillon* pelo seu romance *Esgotos* [Abwässer]. Neste romance, tenta mudar a perspectiva em relação ao seu próprio país. Mostra como também a Suíça, um país que se considera um dos mais limpos do mundo, não é mais limpo que os outros, o que se passa é que a Suíça está apenas melhor lavada. E isto não é bem a mesma coisa, porque lavar pode significar muita coisa, principalmente na Suíça. Com o dinheiro do prémio, Loetscher decidiu então ir viver um ano no estrangeiro e o país que escolheu foi Portugal. Chegou a Lisboa em 1964 e cedo compreendeu que a imagem de Portugal na Suíça tinha muito pouco a ver com a dura realidade da grande maioria da população portuguesa. Por isso, achou que era preciso informar. Teve a sorte de conseguir um convite da televisão suíça para fazer um filme sobre Portugal. O filme foi feito na Primavera de 1964, mas enquanto as imagens – sempre gravadas sob controlo da PIDE – eram inofensivas, o texto que as acompanhava era uma crítica severa ao regime salazarista. Trata-se de uma “elegia política” intitulada “Ó Senhor Salazar” [*Ach, Herr Salazar*]. O que Loetscher decidiu fazer foi colocar-se na pele de um português que faz várias perguntas a Salazar. Ou seja, na sua língua e no seu próprio estilo, Loetscher tentou dar voz àqueles que, no seu próprio país, não podiam fazer este tipo de perguntas. Assim sendo, Loetscher pergunta a Salazar o porquê dos prisioneiros políticos, o porquê do candidato da oposição à presidência ter sido assassinado, o porquê de tantos analfabetos, o porquê da tortura nas prisões, o porquê de tantos jovens terem morrido numa guerra colonial, o porquê da censura nos jornais ou, ainda, o porquê de estudantes perseguidos pela polícia secreta. Loetscher termina o seu filme com uma imagem da Capela dos Ossos de Évora, acompanhada do seguinte texto:

Na capela dos ossos em Évora / está escrito: / Nós, ossos / que aqui estamos,  
/ pelos vossos esperamos.

Isto é que é democracia. / Aqui reina a irmandade, / crânio sobre crânio / sem oposição, / apenas alguma argamassa pelo meio.

Mas antes da morte / há outras possibilidades / de fazer chegar a democracia às mãos de todos, / mesmo desempenhando / a morte melhor o papel.

Ó Senhor Salazar, / LIBERDADE também é uma palavra portuguesa.<sup>4</sup>

Uma hora antes da emissão e provavelmente após a intervenção da embaixada portuguesa em Berna, a exibição do filme foi cancelada pela televisão. Parece estranho, mas, paradoxalmente, este cancelamento contribuiu muito para que Loetscher pudesse alcançar o seu objectivo. A televisão suíça de língua alemã tentou justificar a sua decisão, alegando que não havia provas quanto ao assassinato de Humberto Delgado, que os relatos de tortura nas prisões não passavam de boatos, que a grande maioria da população portuguesa parecia estar muito contente com o tipo de regime que tinha, e que Loetscher, sendo estrangeiro, não devia tentar falar por eles, já que, caso os portugueses tivessem algo a dizer, eles próprios com certeza di-lo-iam no momento certo. Como estes argumentos não passavam de uma desculpa barata por uma decisão tão drástica e como, ainda por cima, nenhum dos directores da televisão quis assumir a responsabilidade pelo cancelamento do filme chegando a contradizer-se quanto aos factos, surgiram muitas críticas. A “questão Loetscher” causou um escândalo nacional na opinião pública de um país que se costuma apresentar como um dos mais democráticos do mundo. Se o objectivo da embaixada portuguesa tivesse sido abafar a crítica, o resultado para ela foi catastrófica, pois nunca se tinha falado tanto sobre Portugal na Suíça como nos dias que se seguiram à proibição do filme. Até nos jornais desportivos saíram artigos discutindo a situação política no país de Eusébio. O jornalista Hans Rudolf Hilty parafraseou o poema de Loetscher e escreveu: “Ó Senhor Salazar / por favor, coloque-se na baliza / quando o Eusébio está prestes a rematar”.<sup>5</sup>

O que Loetscher tentou fazer foi dar voz àqueles que não eram ouvidos no seu próprio país. Foi com base nisso que a imagem irrealista do Estado Novo Português na Suíça começou a ser discutida. Este exemplo mostra-nos como o facto de falar pelo Outro por si só não é errado, já que pode ter efeitos bastante positivos. Aliás, poder-se-ia ir mais longe e perguntar o que é a democracia senão representar o Outro, o que é democracia senão dar voz àqueles que são represen-

---

<sup>4</sup> “Über der Knochenkapelle von Evora / steht der Satz: / Wir Knochen, / die wir hier liegen, / warten auf die euren.

Das ist die totale Demokratie. / Hier herrscht die Brüderlichkeit, / Schädel um Schädel, / ohne Opposition, / nur mit etwas Mörtel.

Aber vor dem Tode / gibt es andere Möglichkeiten, / jedem das gleiche Recht zukommen zu lassen, / selbst wenn der Tod / das Programm besser erfüllt.

Ach, Herr Salazar, / “Freiheit” ist auch ein portugiesisches Wort. / Es heisst in Ihrer Sprache: / LIBERDADE.” (Loetscher, 1964=1971, 45).

<sup>5</sup> “Ach Herr Salazar / stellen Sie sich doch bitte mal ins Tor / wenn Eusebio schießt [...]” (Hilty, 1965=1971, 46).

tados no parlamento. Se cada um quisesse falar ao mesmo tempo e se cada um quisesse que apenas fosse ouvida a sua própria voz, a democracia deixaria de funcionar. Assim, é preciso sublinhar que a representação é uma das bases do sistema democrático. Em vez de generalizar a crítica em relação à representação, julgo que é preferível, e até importante para a democracia, aprofundar o valor que a representação pode e deve ter numa sociedade democrática. Vendo o sistema democrático nesta perspectiva, consegue-se, a meu ver, compreender melhor o facto de que a democracia não é algo definitivo, não é algo acabado. A questão não é tanto defender se temos ou não uma democracia, mas antes aceitar que qualquer democracia tem a sua história e que qualquer democracia é uma “never ending story”. Também no caso de Portugal, a democracia tem a sua própria história, uma história que é inacabada. É simplista defender que antes do 25 de Abril não havia democracia e, por isso, estava tudo mal e que, com a revolução, passamos a ter uma democracia e podemos ficar de braços cruzados. A democracia nunca acaba, porque o mundo em que vivemos confronta-nos constantemente com novos desafios. Não existe uma democracia fixa, o que existe é uma evolução onde cada vez mais pessoas foram conquistando uma voz. Para sabermos se uma democracia num país está bem, devemos confrontá-la constantemente com a pergunta: Será que ela dá voz a todas as pessoas que lá vivem, será que todas elas se sentem representadas? Se hoje em dia, aqui em Portugal, continua a haver grandes problemas quanto, por exemplo, à integração de comunidades cabo-verdianas ou ciganas, uma das principais razões, a meu ver, é que essas comunidades praticamente não têm voz na nossa sociedade e que praticamente não têm representação na nossa democracia. É importante, por isso, que a representação não seja vista egoisticamente como algo negativo, já que, dar voz ao Outro é uma peça fundamental para a democracia. Dar voz é uma arte, é a arte de descobrir a voz do Outro.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCOFF, LINDA (1991), “The problem of speaking for others”, em: *Cultural Critique*, Nr. 20, Winter 1991-92, pp. 5-32.
- DEWULF, JEROEN (1999), *Hugo Loetscher und die ‚portugiesischsprachige Welt‘ – Werdegang eines literarischen Mulatten*, Bern/New York, Peter Lang Verlag.
- FISCH, ARNOLD (1965), “Zum ‘Fall Loetscher’ bemerkt”, em: *Basler Nachrichten*, 26.11.1965.
- FISCHER, BÉAT DE (1960), *Dialogue Luso-Suisse. Essai d’une histoire des relations entre la Suisse et le Portugal du XV siècle à la Convention de Stockholm de 1960*, Lisbonne.
- HILTY, HANS RUDOLF (1971 [1964]), “Eusébio”, em: Ruff, Theo / Peter K. Wehrli:

- dieses buch ist gratis*, Zürich, Gratis-Verlag.
- LOETSCHER, HUGO (1985 [1975]), *Der Immune*, Zürich, Diogenes Verlag.
- LOETSCHER, HUGO (1971 [1964]), *Ach, Herr Salazar*, em: Ruff, Theo / Peter K. Wehrli: *dieses buch ist gratis*, Zürich, Gratis-Verlag.
- LOETSCHER, HUGO (1984), *Das Hugo Loetscher Lesebuch*, Zürich, Diogenes Verlag.
- LOETSCHER HUGO (1999 [1988]), *Vom Erzählen erzählen*, Zürich, Diogenes Verlag.
- PINA, PAULO (1988), *Portugal: o turismo no século XX*, Lisboa, Lucidus.
- REYNOLD, LOUIS GONZAGUE DE (1936), *Portugal*, Paris, Éditions Spes.
- SAID, EDWARD W. (1978 [1981]), *Orientalismus*, Frankfurt/Berlin/Wien, Ullstein.
- SCHNEIDER, REINHOLD (1956), “Portugiesische Impressionen / Impressões dum escritor alemão sobre Portugal”, em: *Publicações do centro de estudos humanísticos*, Porto, Edições Marânus.
- VILAS-BOAS (1998), “Offener Himmel über Lissabon: Annemarie Schwarzenbach in Portugal”, em: Elvira Willems (Hg.): *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Centaurus Verlag Pfaffenweiler.
- WOLF, ERIC R. (1997 [1982]), *Europe and the people without history*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press.

## A P Ê N D I C E

### HUGO LOETSCHER: “Ó SENHOR SALAZAR” UMA ELEGIA POLÍTICA

Ó Senhor Salazar,  
Em breve se cumprem quarenta anos  
desde que governa.  
Quem serviu durante tanto tempo a nação  
deve amá-la.  
E Portugal merece o amor.  
Porque Portugal é um belo país;  
onde tudo é fértil  
e onde o solo é estéril.  
Célebre pelas suas amêndoas  
e pelo seu vinho,  
pelos seus campos e jardins  
pela sua cortiça e seus moinhos  
que já não precisam de vento  
e já não moem milho.

Um país  
que vira as costas à Europa  
e espreita o Atlântico  
e cujos barcos outrora partiam  
“para dar mundos  
ao Mundo”.

E neste belo país  
fica uma bela cidade:  
Lisboa –  
com tantos terraços  
para se deixar admirar de todos os lados;  
com o Tejo,  
que a Lisboa  
concede o porto –  
uma cidade  
onde o sol  
passa o inverno.

Sim,  
é um belo país.  
Tem uma história  
que se tornou arquitectura por toda a parte  
como no mosteiro dos Jerónimos.  
Aí, mostra o escultor  
em monumentos  
o que outrora o marinheiro  
noutros continentes  
descobriu na natureza.

E em Queluz,  
os reis portugueses  
imitaram o Versalhes francês.

Existem tantos monumentos  
quantos os nomes que para eles pode haver.  
Um país  
a conhecer:  
de castelos e cidadelas,  
de claustros e igrejas,  
um país  
cheio de monumentos.

Mas este,  
Senhor Salazar,  
é o seu monumento:  
a fortaleza de Caxias  
do século dezassete  
com presos políticos do século vinte.  
Na linha do Estoril.  
Aqui se passa  
quando se vai tomar banho ou se vai para o casino;  
o clima desta costa é de louvar,  
pois é suave.

Mas o senhor vive atrás do Parlamento.  
Um homem deve estar perto do Governo,  
para que nada lhe aconteça.

O senhor passeia-se  
pelos jardins de São Bento.  
Diz-se que está muito só  
por detrás dessas grades.  
E tem mesmo assim todo o povo.  
Mas quem governa  
nem sempre tem tempo para o povo  
e nem sempre sabe

o que se diz pelo país.  
E pelo país diz-se muito.

Ora tem sorte,  
Senhor Salazar,  
por ter como presidente  
o Almirante Tomás.  
Onde o governo pisa,  
ele lá está –  
com música.  
E foi eleito sem candidatos opositores.  
Que pena que o seu possível adversário  
até tenha sido assassinado!

O Almirante Tomás dirige-se por si ao povo.  
Não só aos aspirantes,  
não só a esses filhos de oficiais,  
não –  
também inaugura escolas.  
Não escolas para aqueles 18 por cento  
que não sabem ler nem escrever.  
Estes não votam,  
estes não conseguem passaporte.  
E quanto às crianças, parece  
que em breve estarão na escola  
seis em vez de quatro anos,  
em breve todas irão para a escola.  
Mas, Senhor Salazar,  
quem vai para a escola  
entende a frase  
que se diz pelo país:  
democracia existe.

Também se diz pelo país  
que existe pobreza.  
Não só aqui e acolá,  
mas muito frequente  
e continuamente.  
Pelo menos o mar tem boas intenções para com o povo.  
Melhores do que as da terra  
à qual falta água;  
disso sabem os agricultores  
que não vão ao mar.  
Os peixes têm boas intenções para com o povo  
e pelo povo metem-se nas redes.  
Mas os peixes não vêm todo o ano;  
por três meses sossegam.  
O peixe proletário

ajuda o proletário do peixe;  
mas a natureza já previa  
três meses de crise,  
e depois vêm as tempestades  
em que não se pode ir ao mar –  
o que dá menos três tostões e meio por dia  
e uma mão cheia a menos de peixe.

Diz-se pelo país  
que há pobreza.  
Sabe-se  
que o país é pobre.  
Por isso antigamente partiam  
e traziam ouro e especiarias.  
Diz-se pelo país  
que também há pobres em Tóquio,  
Nova Iorque e Paris  
mas não se deve tomar o estrangeiro  
como exemplo,  
você próprio o diz,  
Senhor Salazar.

E se for verdade  
o que se diz pelo país,  
que o país é pobre,  
então é preciso partilhar a pobreza com mais justiça.

O que se diz pelo país  
não se diz em voz alta;  
diz-se  
que existe uma polícia secreta.  
Dê fardas à polícia secreta  
e então suspeitar-se-á de quem realmente é suspeito.

Naturalmente que existe o milagre  
e aconteceu em Fátima.  
Lá apareceu a Virgem Maria  
aos três pastorinhos.

O céu, tal como o mar, parece  
estar do lado do povo  
e os santos não podem tecer considerações  
sobre a situação política,  
já viram demasiados regimes cair.  
Agora vêm outros  
e esperam pelo milagre  
que um dia possa surgir.

Que sorte tem,  
Senhor Salazar,  
em ter um povo  
que parte em peregrinação.  
Um povo  
dotado para rezar  
e sempre disposto  
a fazê-lo.  
É bom que o senhor conte  
com o céu,  
mas ele também pode enganar  
pois o milagre não substitui a política.

Não se pode deixar tudo nas mãos do milagre  
nem nas do fado.  
A melancolia do seu povo  
é a sua capital, Senhor Salazar.

Também se diz pelo país  
que existe política  
e uma grande instituição  
que diariamente sai em cada jornal:  
a censura.

E apesar de tudo:  
Coimbra.  
“Coimbra é uma mulher,  
só passa quem souber”, assim diz a canção dos estudantes.

Aqui outrora o senhor foi professor  
in illo tempore.  
Aqui teve os jovens como ouvintes  
numa das mais antigas universidades da Europa.  
Mas nem todos  
que querem estudar  
aqui chegam e daqui partem –  
muitos o senhor agora expulsa  
e prende  
só porque os estudantes acham  
que o Estado Novo,  
que o senhor criou,  
é um novo estado,  
sabendo que nas repúblicas se pode  
ser um estudante autêntico.  
Lembra-se das noites de Coimbra,  
Senhor Salazar?

Hoje, Senhor Salazar,  
tem mais jovens.  
Os jovens  
de toda a nação.  
Geração após geração,  
e cada geração durante quatro anos.  
Dois anos na pátria  
e dois nas colónias  
a que o senhor chama “províncias do ultramar”.  
Também estes jovens usam uniformes,  
não casacas, nem capas negras,  
não a batina,  
mas sim o caqui do soldado,  
e não em Coimbra,  
mas em Angola, Moçambique e na Guiné.

E um dia  
eles voltarão.  
Se puderem voltar...

A guerra é um preço  
demasiado alto  
para festejar o reencontro.

Não chega  
Portugal ter filhos,  
têm que ser heróis.  
Que poderiam ser de melhor?

Ó Senhor Salazar,  
o senhor sonhou com a disciplina  
e fez a ditadura.  
O senhor estabilizou as finanças do seu país,  
mas agora estabiliza a história.

Na capela dos ossos em Évora  
está escrito:  
Nós, ossos  
que aqui estamos,  
pelos vossos esperamos.

Isto é que é democracia.  
Aqui reina a irmandade,  
crânio sobre crânio  
sem oposição,  
apenas alguma argamassa pelo meio.

Mas antes da morte  
há outras possibilidades  
de fazer chegar a justiça às mãos de todos,  
mesmo desempenhando  
a morte melhor o papel.

Ó Senhor Salazar,  
LIBERDADE também é uma palavra portuguesa.

O título original do texto é: “Ach, Herr Salazar”, publicado no livro *Das Hugo Loetscher Lesebuch* (1984), da editora DIOGENES (Zurique, Suíça). Tradução portuguesa de Jeroen Dewulf e Alexandre da Cunha Pinto. Publicado com autorização do autor.